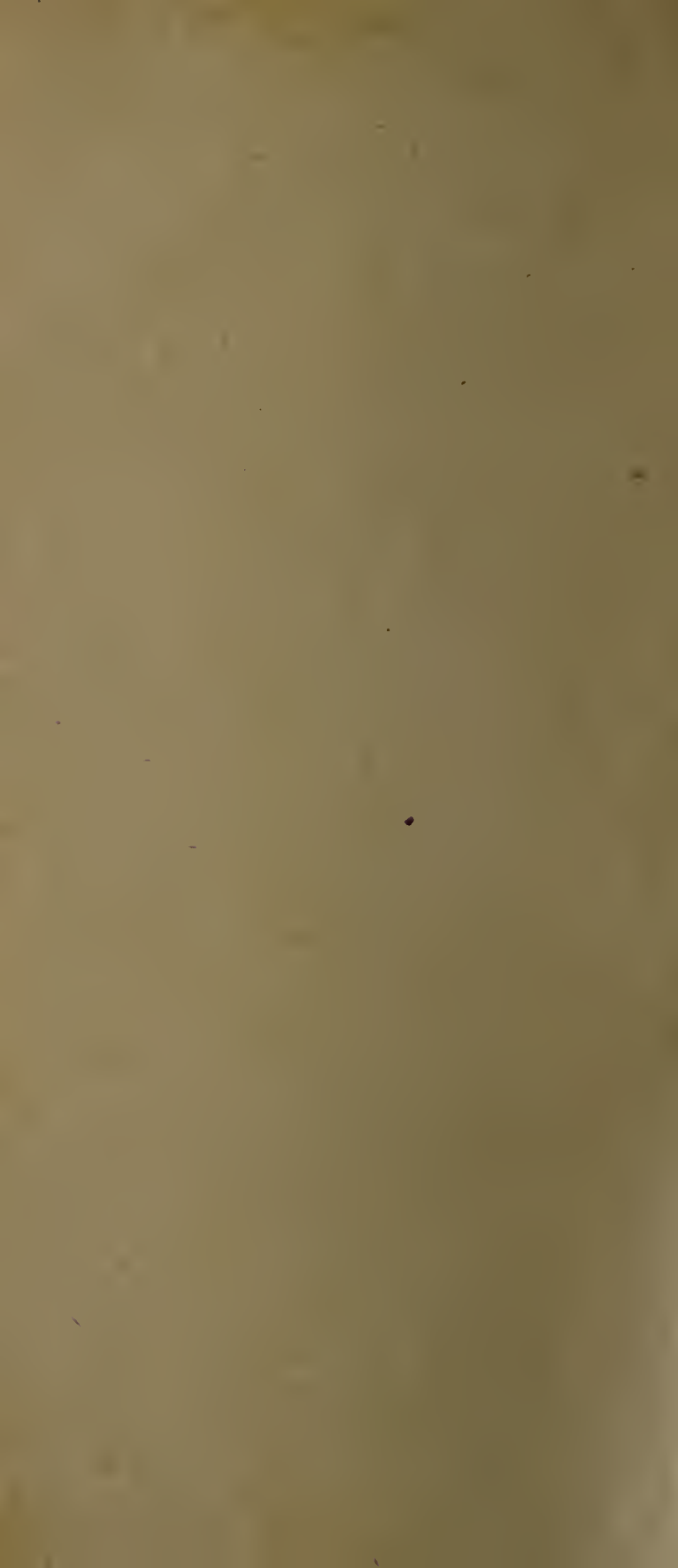
DR. ANTÃO DE MELLO

A IMBECILIDADE E A DEGENERESCENCIA NAS FAMILIAS REAES

1908

LIVRARIA CENTRAL DE GOMES DE CARVALHO, editor

158, Rua da Prata, 160

LISBOA

A IMBECILIDADE
E A DEGENERESCENCIA
NAS FAMILIAS REAES

DR. ANTÃO DE MELLO

A IMBECILIDADE E A DEGENERESCENCIA NAS FAMILIAS REAES

A HEREDITARIEDADE,
AS SUAS TARAS PHISICAS,
OS ESTYGMAS INTELLECTUAES DA DEGENERESCENCIA,
PERTURBAÇÕES NUTRITIVAS,
A EDUCAÇÃO,
O PROBLEMA SEXUAL, A LOUCURA MYSTICA, ETC.

1908

LIVRARIA CENTRAL DE GOMES DE CARVALHO, editor
158, Rua da Prata, 160
LISBOA

Aos que amparam e defendem o Estado

Muitas coisas não nos atreve-
mos a emprehendel-as não porque
sejam difficeis, mas porque, consi-
derando-as difficeis, não nos atre-
vemos a emprehendel-as.

SENECA.

Tenho grandes imperfeições.

Os meus defeitos procedem de duas causas: primeira, a hereditariedade na gestação do meu ser; segunda, a influencia do meio em que nasci e me criei.

Diversos outros elementos actuaram na minha tão imperfeita compleição.

D. Carlos de Bragança.

(Conversa entre D. Carlos e Mousinho de Albuquerque, *Rei D. Carlos, o Martyrisado*, de Ramalho Ortigão.)

Sociedade sem reis, — a minha aspiração.

Victor Hugo.

O resultado de uma investigação scientifica não será, com certeza, tomado á conta de pessimismo ou de ataque directo a qualquer classe.

Por contrario que possa parecer ao bom sentido, terá sempre uma parte de verdade. Ter-se-ha obtido por a experiencia e a reflexão sobre as experiencias, e se os individuos que hão experimentado e reflexionado, são normaes, conterá alguma coisa que deva poder acceitar-se por outros individuos normaes.

Poderá ser muito dificil encontrar essa verdade universalmente acceitavel, mas necessariamente existe.

A temeridade dos pensadores, dos scientistas contemporaneos está perfeitamente caracterisada pela ousadia com que atacam as coisas que temos por mais complexas e emmaranhadas, e assim, deixam cahir a sua luz, illuminando o inextricavel labirinto dos mais maravilhosos misterios da vida humana.

No dominio das ciencia antes, como agora, observam-se os phenomenos, analisando-os e experimentando. Então, como hoje, trata-se de coordenar os factos n'uma unica imagem do mundo.

No entanto a norma dos trabalhos

não ficou sendo a mesma. Augmentou. Houve uma diferença. E' essencial o augmento? Sem duvida. A diferença principal entre o passado e o presente encontra-se n'isto: — O homem de sciencia, d'antes, não se arriscava em largas crusadas atravez do mundo dos phenomenos, adquirindo outros novos e curiosos, para vir transmitil-os immediatamente ao povo. Preferia integrar-se nos factos adquiridos.

O de hoje, pelo contrario, importa-se, antes de tudo, em levantar o véo dos grandes misterios, ter novas noticias, para communicar á collectividade.

Isto em regra.

A auréola que ainda não ha muito tempo consagrava as familias reaes, parece desvanecer-se por completo perante as concludentes demonstrações da sciencia.

O *Dr. Galippe,* nas suas communicações á *Academia de Medicina de Paris*, demonstra com effeito que as familias reinantes se compõem, na sua maior parte, de degenerados. O mesmo tinha já feito no seu valioso livro *As familias reinantes*, no qual reune os argumentos da sua these. Os factos em que se funda o celebre homem de sciencia, começam pela definição do *degenerado.*

A degenerescencia, segundo *Magnand*, é o estado do ser que, comparado com os seus geradores, diminuiu a sua resistencia psyco-physica. Esta diminui-

ção, que se traduz por estigmas indeleveis, é essencialmente progressiva e acaba, mais ou menos, rapidamente, pelo aniquilamento da especie.

Esta ideia do aniquilamento da especie como termo fatal da degenerescencia, tinha sido já emittida pelo grande alienista *Morel,* que, em *1857*, escreveu no seu tratado das degenerescencias:

— A degenerescencia é um estado doentio que exclue necessariamente a possibilidade d'um progresso ou d'uma continuidade da especie.

O erro de *Morel* consistiu em crêr que a degenerescencia era um desvio morbido do typo normal da humanidade, considerando esse typo normal como o typo primitivo e a obra prima d'uma creação divina.

Morel, em resumo, era um deista que cria com fé cega na revelação de que fala a lenda biblica. Mas estas ideias, contrarias aos descobrimentos scientificos mais estabelecidos e ás verdades mais evidentes, posto que

muito arreigadas ainda no vulgo, perderam já todo o seu antigo prestigio.

Bjérre affirma que a degenerescencia é a redisolução do systema de energias vitaes que se hão organisado no curso da evolução. Mostra-se, physiologicamente, na apparição de fórmas anormaes, recordando ás vezes typos anteriores no desenvolvimento defeituoso de um orgão ou na inferioridade organica geral. Affecta multiples fórmas: ruptura de equilibrio ou harmonia, desenvolvimento excessivo de certos dominios psychicos ao lado de outros completamente vazios. Assim, por exemplo, talento intellectual eminente, com falta absoluta de instinctos moraes, sensação exagerada do *eu*, intensidade consideravel na expressão das ideias ou aspirações.

A degenerescencia conduz á dissolução e extensão da vida. Se não ha um novo sangue que venha regenerar o tronco que tem marcado o estigma, o seu termo é fatal. Almas doentes e enfermas, e por fim seres que não tem a

vida ideial e sentimental dos humanos. A perfeição não póde buscar-se, com effeito, no seu passado remoto, e os estados de degenerescencia não são alterações d'um plano inicial e perfeito.

Ao contrario é esse o objecto que a humanidade prosegue, na sua marcha evolutiva. A vida avança sem cessar, partindo do menos perfeito para o mais perfeito. Evoluciona lenta, fatal e harmonicamente no sentido de uma maior somma de bem estar, isto é, para a maior perfeição possivel.

A evolução, eis um dado com que *Morel* não contava.

Que é pois a degenerescencia relativamente á evolução?

Precisamente o contrario, um impulso seguido de movimento de regressão que vae d'um estado relativamente perfeito a outro menos perfeito fazendo desapparecer d'um só golpe uma ou varias *étapes* já percorridas á custa da lucta incessante que organismos successivos sustentaram para melhor se adaptarem.

As causas da degenerescencia são numerosas, podendo ser determinadas pelo meio cosmico e pelo *meio social.* Entre as mais importantes contam-se as grandes calamidades, como as fomes e as guerras; as intoxicações profissionaes como o saturnismo; os venenos de muitas especies, como o alcool, o tabaco, o opio. Todos os generos de excessos e particularmente os que são determinados por uma vida ociosa e opulenta, como a das familias reaes, a vida das collectividades urbanas com o seu trabalho excessivo, a falta de ar e de luz.

Os matrimonios consanguineos e, por ultimo, o desequilibrio em todas as suas manifestações.

Ha duas classes de estigmas que põem a descoberto a degenerescencia. Uns são phisicos e consistem em *distrophias* e *atrophias*, (alimentação inadequada ou insufficiente), que se manifestam exteriormente por *dismorphias* e *amorphias*, (fórmas irregulares). Entre essas podem citar-se, além d'ou-

tras deformações as *distrophias faciaes* e particularmente o prognathismo inferior, (saliencia da maxila inferior, labios grossos, etc., etc.)

Os outros são psychicos e moraes e consistem em impulsos e obcessões em extremo diversas, que caracterisam um estado de desequilibrio mental, do mesmo modo que os estigmas phisicos denotam uma desharmonia phisica, uma asimetria. Todos estes estigmas são hereditarios.

Mas o que é a *hereditariedade?*

A hereditariedade, ainda não ha muito tempo, um illustre professor eivado dos exageros organicistas, a definia um mitho. Errava. Um mitho na verdade, se por esta expressão quizermos significar a concepção d'uma lei natural. Mas a hereditariedade é um facto, é uma lei da natureza.

E a demonstrar-nos tal verdade, escreve-nos o *sr. Manuel Laranjeira*:

— A hereditariedade é uma lei da natureza, mas porque essa lei é obscura, porque não podemos seguir-lhe

a evolução passo a passo, porque em summa, a essencia do phenomeno escapa, aos nossos meios de investigação, — seguir-se-ha que a hereditariedade seja um mitho, na significação de coisa que só existe na nossa mente e que de modo nenhum se verifica na natureza? Não me parece. Negal-o seria negar a luz ao sol, seria não ouvir a voz dos proprios factos.

Hoje que o espirito generalisador penetrou na sciencia e que a bio-mechanica veiu interpretar d'um modo sádio e criterioso os phenomenos da vida, barrejando para fóra do campo todos os erros anthopomorphicos e teleologicos e derruindo os ultimos reductos que a theoria preformista ainda tinha nos castellos espantosamente dedalosos da concepção de *Wissman*, hoje é possivel que a hereditariedade, *esse mysterio dos mysterios*, venha a ser luminosamente interpretado. O caminho está aberto, graças a *Wilhelm*, *Roux* e *Delage*

Ultimamente *Le Dantec* limitava

com nitidez a questão, definindo a hereditariedade d'um modo lucido e conciso: *O conjuncto de propriedades chimicas do ovo.*

Ainda aqui se esbarra com a interrogação muda: como —: já o *porquê* das coisas nos escapa da mente como uma sombra das mãos, — como é que uma simbiose de substancias, correspondendo a uma estructura definida, póde ser a synthese de qualidades tão differenciadas como a vida? Como é que uma tão pequena parcella de substancia viva póde condensar toda essa maravilha de complexidade que se chama uma alma, quer ella pertença a um imbecil, a um criminoso ou a um genio? Eis o difficil, mas não o impossivel, creio bem.

No entanto, de vez em quando a natureza, parece caprichar em entenebrecer a origem d'alguns monstros de mentalidade que partureja de longe em longe, como se n'um impeto de consciencia quizesse conclamar a humanidade:

Eis ahi uma montanha! a mãe d'ella, sou eu!

Ora sendo pois a hereditariedade um facto, uma lei da natureza, preciso seria um consideravel escrupulo no problema sexual. Tanto mais que um dos caracteristicos da degenerescencia, — diz o *Dr. Campos Lima*, — é a tendencia para a fecundidade, completada ainda pela *lei de mutua attracção sexual entre os degenerados*. Extinctas pois as causas que actualmente provocam a degenerescencia, nem mesmo os degenerados poderiam influir perturbadoramente no fundo biologico da especie, antes iriam desapparecendo pouco a pouco pela fatalidade da sua condição. O amor realisado livremente, sem preoccupação de ordem diplomatica, cumpriria integralmente, o instincto sexual, em ligações mais naturaes e perfeitas, o que seria ainda um precioso elemento para o aperfeiçoamento phisico das raças reaes.

Tal escrupulo, porém, não existe, e

muito principalmente nas referidas raças.

Todos nós sabemos a fórma porque se effectuam as ligações entre as pessoas reinantes, e por isso vêmos atravez da historia essas geladas figuras de principes e reis degenerados, maniacos, quasi idiotas, symbolos viventes, que põem espanto nos que teem sangue e coração. Principes imbecis, altezas que, se não o fossem, morreriam de fome no meio da sua inutilidade.

Quasi todos victimas d'aquella loucura perpetua, d'aquella epidemia moral que ha muito tempo esgota as intelligencias mais robustas, e que todos nós temos podido comprovar pessoalmente: *A loucura mystica*.

Os atacados por tal enfermidade crêem-se possuidos de dons sobrenaturaes, têem a mania de catechisar toda a gente, julgando que realisam uma missão divina sobre a terra.

Todos nós sabemos as consequencias d'esta enfermidade sobre as familias reaes.

Mostra-nos esse monstro beato que se chamou *Luiz XI de França.* Um tigre pela crueldade, pois que, nem a mulher, nem os filhos, nem as amantes podiam inspirar n'aquella alma profundamente atroz a mais leve emoção de ternura. *Sempre carregado de reliquias e de imagens de santos*, ordenava os assassinatos e pedia depois perdão a uma virgem de chumbo que trazia pregada na pala do bonet.

O seu palacio estava rodeado de forcas, onde mandou executar, entre outros, cem burguezes de *Reims*, a amante do pae, seu irmão, *duque de Guiens*, o *duque de Alençon*, o de *Nemurs* e o *conde de Armagnac.* Lançou fogo á cidade de *Tornay* e saqueou *Arras.*

Odiava de tal maneira a humanidade que mandou transferir a camara das torturas para uma sala debaixo do seu quarto de dormir, afim de gosar os gemidos e gritos das victimas. Mandava degolar creanças para tomar banhos de sangue humano.

Descobrindo que o *cardeal Balue* havia tido relações com seu irmão *duque de Berry*, mandou-o encerrar n'uma jaula de ferro, onde esteve onze annos sem se instaurar processo.

E os nossos, *D. Manuel*, *D. João I*, *D. João III*, grosseiro, ignorante, degenerado, fanatico, que foi quem introduziu a inquisição em Portugal, em *1536?*

Vê-se, pois, que tem sido sempre o fructo da educação religiosa quem tem arrastado e arrasta os reis e os imperadores a commetterem os mais abominaveis crimes. A historia prova-o exhuberantemente, e os proprios filhos da egreja não negam a sua auctoridade sobre as pessoas reaes.

Assim, o papa *Gregorio VII*, dizia: — *O papa é o representante de Deus na terra, logo deve governar tudo. Todos os homens estão sujeitos ás suas leis e elle, só póde ser julgado por Deus. Os reis devem beijar-lhe os pés. Os christãos estão irrevogavelmente submettidos ás suas ordens. Devem mesmo degolar os seus reis, os seus*

principes, seus paes, seus filhos, se o papa assim o ordenar.

Celestino III, deu um pontapé na corôa de *Henrique VI*, para mostrar que tinha o poder de dispôr dos reis; e n'uma bula de *Bonifacio VIII*, lia-se: — *Tenho o poder de governar os reis com a verga de ferro e de os quebrar como vasos de barro.*

O papa *João XXII*, não teve o minimo receio em excommungar o imperador d'Allemanha e o rei de França.

E no entanto a enfermidade não é nova. O christianismo conta com varias seitas de loucos, atravez da sua historia, e todos teem uma origem commum. Julgarem-se elegidas, quando não teem sido mais que intelligencias desequilibradas por a penitencia, o jejum, a sociedade, a anemia, etc., etc.

Pois d'estes sêres é que teem sido, invariavelmente, compostas as familias reaes.

Taes sêres não deviam casar-se, porque é contrario ao progresso da

especie. Devia procurar-se creaturas que no seu sexo respectivo marcassem a maior altura a que seja dado chegar a humanidade. D'estes seres extraordinarios sahiriam filhos para os quaes a vida seria uma realeza e o mundo um magnifico imperio.

A selecção devia ser attendida, porque é saudavel e necessaria, ainda que fira sentimentalismos respeitaveis, e o amor, o fecundante amor, que, como diz *Stacklberg*, é a fonte da vida, o dispensador das alegrias mais intensas e o estimulo das acções mais bellas, que assegura por si só, quando não obedece senão a um proprio impulso, a reproducção da especie nas condições mais favoraveis, o amor, deveria ser o acto mais protegido e respeitoso das familias reinantes.

Deveria, pelo menos, ter direito ás mesmas considerações e ao mesmo respeito que a amisade.

Como o trabalho que ennobrece, que cria o bem estar e a abundancia, o amor, cuja chamma soberana con-

serva e perpetua a especie, permanece tambem escravo e continua soffrendo as injurias das religiões accummuladas por largos seculos de moral espiritualista.

Longe de comprehenderem que o instincto generico se afina no seu desenvolvimento, e admittir que a juventude experimenta a imperiosa necessidade, — permittam-me a expressão, — de se ensaiar em amor, os soberanos que guiam com solicitude os primeiros passos que, principes e princezas, fazem na vida, assim que os sentidos n'elles começam a despertar, põem-se em movimento para obstar o florir alegre da primavera humana afim de obscurecer as florações do amor, que se produzem.

Não comprehendem que a infancia representa um estadio da evolução individual que se não completou ainda e que póde representar uma anomalia no adulto, como certos estados embrionarios persistentes, constituem uma monstruosidade.

Baer tem, pois, razão, quando diz: «Ao cerebro da creança falta o senso moral, como quando nasce lhe falta a motricidade, em consequencia, simplesmente, do incompleto desenvolvimento dos orgãos que serão mais tarde as sédes d'estas manifestações» [1].

Destinam-nos, (muitas vezes antes de nascerem), a determinada creatura, e casam-nos sem previa consulta.

Peor que todos os attentados contra a dignidade humana, porque dispõe do futuro, depois de ter encadeado o presente, e projecta a sua funesta sombra até sobre as acções livres.

Por isso a monarchia hereditaria tem um grave inconveniente. Se o fundador da dynastia é um imbecil, a sua imbecilidade perpetua-se nos seus successores. Se tem talento, tal qualidade annula-se, perdendo-se completamente na descendencia que attinge um gráo de estupidez maxima.

O sabio *Pompeyo Gener* da *Sociedade*

---

[1] Dr. Manuel de Oliveira.

Anthropologica de Paris, repetidas vezes, nos seus trabalhos, o tem provado.

O celebre alienista francez *M. Esquirol* demonstrou que nas familias reaes a alienação mental e a demencia estão na razão de *60/100* a mais que entre as familias dos seus subditos respectivos.

Hoeckel faz constatar que as enfermidades mentaes são mais frequentes entre os reis do que entre os simples particulares, transmittindo-se por hereditariedade, muito mais facilmente, entre os primeiros do que entre os segundos.

O *Dr. Jacobi* prova não haver uma familia reinante cujos descendentes no decurso d'um seculo, se não tenham quedado n'um estado mental deploravel. Não temos mais do que lêr o capitulo em que trata da *Excitação maniaca*, o sabio professor *Ball*, no seu *Tratado das enfermidades mentaes*. O quadro dos prodromos que annunciam a *paralysia geral progressiva*.

E' o que offerece, a maior parte,

dos fundadores da dynastia, pelas suas emoções, pela sua excessiva concentração, pela sua ambição desmedida.

A razão da degenerescencia na especie, que soffrem as familias reaes, estriba no seguinte:

Na vida que levam e na fórma porque se unem.

A intelligencia dos principes atrophia-se desde a infancia, com uma educação estreita e formalista. Como não teem necessidade de trabalhar nem de instruir-se para viver, recebem uma somma de impressões, menos do que a do resto dos homens.

Consequentemente adquirem um numero mais restricto de conceptos, e estes, ainda mais estreitos que os da outra gente. Assim, não rectificam os conhecimentos que assimilam nem tiram d'elles as consequencias que os outros tiram, por impulso da necessidade. Como se consideram seres superiores e differentes dos outros, não communicam frequentemente senão com certa classe de pessoas que le-

vam uma vida analoga, e a pragmatica real priva-os de ter com estas, a confiança e a franca troca de ideias que se tem entre eguaes.

As ideias que teem os monarchas sobre as coisas, são, por causa d'este regimen, erroneas ou insufficientes, e ninguem se atreve a modificar-lh'as, nem a corrigir seus erros.

Notam-se-lhes: a sensibilidade phisica pouco pronunciada, a completa insensibilidade moral e affectiva, a preguiça, a falta absoluta de remorsos, a imprevidencia que se assimilha ás vezes á coragem, e a coragem que se alterna com a cobardia, uma vaidade extrema, [1] a paixão do sangue,

---

[1] Ha uma vaidade que me provoca uma indignação profunda, que jámais pude dominar. Essa vaidade é a dos reis, das mulheres dos reis e dos filhos dos reis, os quaes não se pejam nunca de ostentar a ideia, que manifestam arreigada, de que são superiores ao resto da humanidade, e de que a esta, na escala de que elles occupam o ponto culminante, só é permittido ter o zero da absoluta inferioridade.

Silva Graça.

do jogo, dos alcooes ou do que os póde substituir, as paixões tão promptas a desapparecer como foram violentas, um espirito muito supersticioso, uma susceptibilidade exagerada do *eu* e finalmente a concepção relativa da divindade e da moral.

Nicolau II, o *Czar da Russia*, é um magnifico exemplar:

— Fraco, falto de iniciativa, indeciso, vacilante. Os *Rumanoff*, a casa reinante da Russia, teem tido, em geral, homens intransigentes, de caracter brutal, phisicamente grandes. O czar não tem nenhuma d'estas qualidades. Alternadamente, alegre ou triste profundamente. E' delgado, nervoso, impressionavel. E' religioso até á superstição. Acredita nos agoiros. Consulta, continuamente, um vidente que o acompanha. Ha para elle dias felizes ou dias aziagos. Detesta o mez de maio. Nasceu e foi coroado em maio, e foi n'este mez o attentado contra a sua vida e tambem o esmagamento de 5:000 camponezes em Mos-

cou, pelas séstas. Foi ainda em maio que a esquadra russa foi esmagada pela japoneza. N'este mez está sempre de mau humor. Tem ataques de mau genio, e é despotico, então. E' pouco firme nas suas amisades; desconfiando de todos e eximindo-se, sempre que póde, á responsabilidade das suas decisões.

Este homem foi collocado por um irrisorio destino, elle o mais fraco dos soberanos, a manejar o maior poder que um homem tem no mundo. (1)

Os vicios e as paixões sanguinarias, as superstições morbidas e a susceptibilidade exagerada do *eu* são ainda perversões que uma educação excepcional, explica no exemplar, quando não estão ligadas as fórmas degenerativas produzidas pelo alcool, e a outros estigmas evidentes de degenerescencia. (2)

Além d'isto, o monarcha em geral

---

(1) *A Russia Vermelha.* — Foster Frazer.
(2) Dr. Manuel d'Oliveira

vive n'uma atmosphera de adulação e impostura. Depois, a sua vontade não encontra obstaculos. D'esta maneira habitua-se a perder a noção da justiça, que freqûentemente confunde com a de auctoridade, quando não com a de proveito proprio.

O meio no qual estão condemnados a mover-se os reis é artificial e uniforme. Tudo é regulamentar em volta d'elles, até os mais minuciosos detalhes.

O resultado de tudo isto é que elles veem a ser, no geral, inferiores á média dos seus subditos.

Estas causas, repetidas atravez de algumas gerações, e sommadas ao dispendio nervoso que presupõe a sobreexcitação do fundador d'uma dynastia, produzem sempre tristes effeitos de inepcia, de idiotismo ou de demencia. A adaptação successiva e a herança d'esta adaptação accummulada não podem deixar de dar este resultado.

Uma segunda serie de concausas vem aggravar o mal.

Como os reis devem casar-se com pessoas de familia real, a geração faz-se entre seres sujeitos ás mesmas condições, e não ha renovação possivel, nem minoração dos effeitos.

Esta selecção artificial exigida pela hierarchia, desenvolve na descendencia inferioridades de toda a ordem.

*

* *

Homens eminentes, e entre elles *Lombroso*, vêem na pederastia, no incesto e no adulterio das familias reinantes, modernas, uma revivescencia atavica dos costumes depravados de Roma e da Grecia no desmantelado periodo da sua decadencia moral.

Em Roma, foi sobretudo durante o imperio dos *Cesares* que os costumes dissolutos attingiram o seu apogeu, e foi por influencia d'estes, no dizer de *Suetonio*, que elles se propagaram nas classes nobres que queriam seguir o exemplo ao agrado dos seus senhores.

Os amores de *Julio Cesar* com *Nicomedes* tornaram-se notaveis.

Cicero consignava nas suas cartas: «que Cesar tinha sido levado para a camara real por satelites, que se tinha deitado n'um leito d'ouro coberto de purpura e que um descendente de Venus conspurcára em *Bithynia* a flôr da sua edade».

Dolabella, n'um discurso, chamava-lhe: *a rival da rainha*, e um tal *Octavius* chamava perante uma assembleia numerosa, *rei* a *Pompeu* e *rainha* a *Cesar*.

As suas dissoluções foram taes, que *Curion* chamou-lhe: *omnium mulierum virum, et omnium virorum mulierum*:—, o marido de todas as mulheres, e a mulher de todos os maridos.

De *Tiberio* diz *Suetonio*, que no seu retiro de *Capria*, imaginou quartos guarnecidos de bancos apropriados para obscenidades secretas. Era ali que grupos de donzellas e de libertinos amontoados e os inventores de volupias monstruosas, que elle chama-

va: — *spintrias*, — formavam entre si uma triplice cadeia e se prostituiam assim na sua presença para reanimar com este espectaculo seus desejos extinctos. Ornou diversos gabinetes com pinturas e imagens das mais lascivas.

As suas torpezas não ficaram por aqui. Custa tanto ao pudor acredital-as, como repugna dizel-as ou ouvil-as contar.

— «Quasi pueros primae teneritudinis, quos pisciculos vocabat, institueret, ut natanti sibi inter femina versarentur ac luderent, lingua morsuque appedentes; atque etiam, quasi infantes firmiores, necdum tamem lacte depulsos, inguini ceu papillae admoveret: pronior sane ad id genus libidinis et natura et aetate...»—

Um dia offerecendo um sacrificio, fascinado pela belleza do que lhe apresentava o incenso, apenas a cerimonia acabou, arrastou-o para o lado e violentou-o, assim como a seu irmão.

Caligula, não poupava o pudor de ninguem, começando pelo proprio.

Apaixonou-se por *Lepidus* e pelo comediante *Mnester*, com quem manteve relações infamissimas.

Valerius Catulus exprobou-o publicamente de ter abusado da sua edade até lhe esmagar os rins.

Teve amores incestuosos com suas irmãs e commetteu adulterio com as mulheres das familias mais nobres de Roma. Convidava-as para ceiar com seus maridos e depois de as examinar, como se as quizesse comprar, — *mercantium more* —, sahia da sala de jantar com a que mais lhe agradava, tantas quantas vezes lhe aprazia, entrando pouco depois com indicios recentes do deboche e — *louvava ou criticava publicamente o que a sua pessoa e suas relações com ella tinham de agradavel ou defeituoso.* — (1)

Com *Nero*, as dissoluções e os deboches attingiram o apogeu da infamia. Este imperador, depois de ter

(1) *Suetonio.* Documentação do dr. Manoel d'Oliveira, na sua these *O Problema de Lombroso.*

feito eunucho ao joven *Sporus*, deu-lhe um dote, cobriu-o com vestes nupciaes, e casou com elle, observando as cerimonias usuaes, vestiu-o d'imperatriz e passeava de liteira publicamente com elle, dando-lhe beijos, nos mercados da *Grecia* e nas festas de *Roma*.

Este facto fez com que alguem dissesse espirituosamente que teria sido melhor para o genero humano que seu pae, *Dumitius*, tivesse esposado uma mulher como esta. (1)

Contam os historiadores como certo que o seu impudor chegou a ponto de querer abusar de sua mãe *Agripina*, e que n'outros tempos da sua vida quando passeava na liteira com ella, satisfazia os seus desejos incestuosos — *ac maculis vestis proditum affirmant*. —

Prostituiu-se a tal ponto, diz *Suetonio*, que, tendo conspurcado todas as partes do corpo, imaginou uma espe-

(1) *Suetonio*.

cie de jogo, que consistia em vestir-se com a pelle d'um animal e em se atirar d'um covil sobre as partes genitaes dos homens e das mulheres presos a postes de madeira. E quando assim tinha cevado a sua brutalidade, entregava-se a seu amante *Doryphoro*, a quem servia de mulher como a *Sporus* servia de marido, e fingia então soltar os gritos lamentaveis das virgens que se ultrajam.

Aqui já não ha sómente a inversão sexual do tragico incendiario de *Roma*. A loucura varreu-lhe do cerebro, envenenado em orgias collossaes, toda a noção de dignidade humana.

Galba ora activo, ora passivo, tinha predilecção sexual para os homens adultos e velhos. Quando na Hespanha recebeu a noticia da morte de *Nero*, abraçou e beijou publicamente o mensageiro, um dos antigos ministros da sua libertinagem desenfreada, — *sine mora velleretur oratum, at que seductum.*

Vittelius, que passou a sua juventu-

de em *Capria* servindo os prazeres de *Tiberio*, d'onde lhe veiu o epitheto de *Spintria*, continuou os vicios immundos da sua mocidade ligado a *Asiaticus* por uma prostituição mutua.

Foi assim, com os abominaveis exemplos dos *Cesares*, que os invertidos sexuaes ostentaram publicamente os vicios da sua propria organisação, e esses infames segredos das alcovas que foram de todos os tempos, porque de todos os tempos são tambem os degenerados, appareceram á luz clara do dia.

Os proprios *Cesares* a que nos referimos, não se podiam furtar á degenerescencia que sobre elles pesava.

Dos rapidos traços phisionomicos que nos deixaram os seus historiadores, podemos nós ainda hoje reconhecer em todos elles estigmas caracteristicos de degenerescencia.

Assim *Julio Cesar* era sujeito a sincopes repetidas, a terrores nocturnos e a ataques epilepticos. Tinha ademanes femininos e chegava a arrancar os pellos da barba.

Tiberio era um alcoolico, tinha o rosto crivado de pequenos tumores, era mais agil da mão esquerda, tinha uma agudesa visual exaggerada a ponto, de *ver de noite e nas trevas* depois de accordar. Era d'uma grande susceptibilidade metheorica e o seu medo ao trovão, não acreditando elle na religião nem nos Deuses, era tal, que cobria a cabeça com uma corôa de louro, cujas folhas, na crença dos romanos persevavam dos raios. Era singularmente superstícioso; a sua fala e os seus gestos eram viciosos, a sua figura tão antipathica que *Augusto*, dizia para o desculpar perante o senado e o povo, — *que eram imperfeições naturaes e não defeitos do coração.* —

Calligula, — diz *Suetonio*, — nem era são do corpo, nem do espirito. Tinha ataques epilepticos desde creança, e subitamente no meio dos seus trabalhos cahia sem sentidos, não podendo nem andar, nem voltar a si, nem manter-se de pé. Tinha estatura elevada, côr pallida, o corpo mal feito, o pes-

coço e as pernas extremamente delgados, olhos encovados, fontes concavas, fronte larga e ameaçadora. Seu rosto era sombrio e hediondo.

Nero era de estatura ordinaria. Tinha o corpo disforme e coberto de manchas, a face asymetrica, a fronte baixa, os seios frontaes salientes e as maxilas desenvolvidas. Os seus olhos azues e fracos eram ligeiramente estrabicos.

Galba era um gottoso. Tinha na ilharga direita uma disformidade congenital, que formava uma saliencia de carne tão proeminente que mal se segurava com uma faixa. Era calvo, tinha os olhos azues e nariz aquilino. Entregava-se doidamente aos prazeres da mesa

Vittelius tinha o corpo coberto de defeitos phisicos. Era de estatura gigantesca e disforme. Tinha no rosto as marcas indeleveis da embriaguez. Comia até vomitar. Os seus banquetes e as suas orgias tornaram-se celebres, mas o mais famoso de todos foi

o que lhe offereceu seu irmão. Appareceram na mesa passante de sete mil aves e de dois mil peixes dos mais estimados e raros. Foi para esse banquete que o imperador imaginou um prato d'uma grandeza prodigiosa, contendo miolos de faisões e de pavões, linguas de aves raras de mil côres, ovos de lampreia, figados de sargos, etc.

Para a composição d'este prato tinham partido navios desde *Parthia* ao estreito de *Hespanha*.

Contam-nos os historiadores que estes vicios dos *Cesares eram escarnecidos e odiados pelo povo*.

Assim, para não citar mais exemplos, as preversões sexuaes de *Julio Cesar* na *Bittynia* com *Nicomedes*, expuseram-no a um opprobio universal.

Quando foi do triumpho das *Gallias*, os seus soldados entremeavam as suas aclamações guerreiras ao *Cesar* vencedor, dos seguintes versos sarcasticos:

Gallias Caesar subegit, Nicomedes Caesorem.
Ecce Caesar nunc triumphat qui subegit Galliasi
Nicomedes non triumphat, qui subegit Caesarem.

Já na *Grecia* o juramento de *Hyppocrates* testemunhava a aversão publica por estes vicios:

«Em qualquer casa que eu entro, juro que será pela utilidade dos doentes, abstendo-me de toda a acção má voluntaria e corruptora, sobretudo da seducção das mulheres e dos rapazes livres e escravos».

As preversões do instincto sexual, que de per si podem constituir uma fórma de degenerescencia, encontram-se não só nos criminosos como *Nero*, mas tambem n'outros degenerados, especialmente nos epilepticos, nos histericos e nos alienados.

As preversões sexuaes adquiridas estão geralmente ligadas a uma intoxicação, como o alcool, a morphina e o bromo, ou a uma doença adquirida do systema nervoso como a *ataxia locomotora*.

O papel dos habitos viciosos, ligados ás excitações do sentido genital, quer directas, quer por associações sensoriaes, nos individuos que, pelas suas condições de profissão ou de meio, não podem satisfazer naturalmente as suas necessidades sexuaes, não parecem exercer uma acção notavel, a não ser como causa occasional, na etiologia das anomalias da funcção genital.

Nos padres, nos frades e nas freiras são frequentes estes habitos viciosos, sem muitas vezes estarem ligados a uma forma degenerativa. Derivam da lei religiosa que lhes impõe o celibato e do descredito e dos castigos que pesam sobre os infractores.

Mas n'estes as sensações sexuaes phisiologicas persistem. As victimas da sua bestialidade são, por via de regra, as creanças que frequentam os seus collegios.

Estes habitos viciosos da infancia ou da adolescencia só persistem no adulto como preversão sexual, quando

essas creanças são já degeneradas com tendencia á dissolução do sexo. (1)

Ora acceitando-se o principio de *Lombroso*, que, como disse, considera todo o delinquente, (2) como um anormal, reproduzindo, pela fatalidade evolutiva, caracteres anatomo-psycologicos de raças reaes extinctas, e que surge na vida da especie, como a ressurreição d'um antepassado longinquo, comprehende-se com facilidade, a apparição continua d'esses principes degenerados que desapparecendo da superficie da terra, resuscitam de quando em vez, por uma força misteriosa e desconhecida, na alma-romantica das sociedades contemporaneas.

E de facto, a nossa propria historia prova-nos isso.

A côrte portugueza, na primeira dinastia não sahiu de um estado semi-

---

(1) *O Problema de Lombroso.* Dr. Manuel d'Oliveira.

(2) Não esquecer a these d'este livro. *N. do A.*

barbaro, oscilando entre a violencia da vida guerreira e a carnalidade dos prazeres animaes. Alternando o terror do inferno com o embrutecimento da sensualidade, e acabando n'uma positiva orgia de impudicicia, tão desbragada que offendeu a curta castidade dos tempos. [1]

Vejamos agora a razão da theoria de *Lombroso*.

Achamo-la, sem maior custo, nas investigações do incansavel trabalhador *Dr. Julio Dantas*. [2]

Dos nove filhos de *D. João III* e de *D. Catharina*, filha de *Joanna a Doida*, só dois vingaram. A infanta *D. Maria* e o principe *D. João*. Apenas estes dois génitos atingiram a nubilidade e chegaram a casar. Os sete génitos restantes, uns foram casos summarios de mortinatalidade, outros succumbi-

---

(1) *Os Filhos de D. João I.* Oliveira Martins.

(2) *A Hereditariedade nas Genealogias reaes portuguesas.* Dr. Julio Dantas.

ram na primeira infancia em seguida a episodios convulsivos ou a complicações meningiticas.

Logo o primeiro filho, *D. Affonso*, nasceu de termo em 1526, e morreu com poucos dias de existencia. O segundo (1527) vingou, foi a infanta *D. Maria*, já referida, depois primeira mulher de *Fillipe II.* Seguiu-se um anno esteril, — talvez um desmancho. O terceiro e quarto génitos, duas femeas, a infanta *D. Izabel* (1529) e a infanta *D. Beatriz* (1530) foram dois casos de mortinatalidade. O quinto, *D. Manuel* (1531) porque nasceu muito debil foi logo baptisado, morrendo com seis annos. Seguiu-se outro anno infecundo. Em 1533 outro filho, *D. Fillipe.* Morreu de convulsões aos cinco annos e meio. Ainda um anno esteril, e em 1535, abril, novo parto, novo infante, nova morte.

Quando succumbiu este ultimo, que se chamava *D. Diniz*, (janeiro de 1537) já a rainha andava grávida de quatro mezes. Os frades invadiam o paço,

faziam-se procissões, badalavam os sinos noite e dia.

Cinco mezes depois nascia de termo o principe *D. João*, que vingou. Novo anno de repouso ou novo desmancho, e em março de 1539, o ultimo filho, o infante *D. Manuel*, que teve apenas oito mezes de vida. N'um periodo fecundo de *13 annos, sete filhos mortos.*

Para cada berço que se abria, fechava-se um tumulo.

Mas ainda restavam dois filhos, reliquia ultima d'este casal que levára treze annos a gerar a morte.

A infanta *D. Maria*, cujo casamento se ajustou na casa d'Austria com o principe *D. Fillippe*, depois *Filippe II*, e o principe *D. João* cujo casamento se ajustou na mesma casa d'Austria com a princesa *D. Joanna*, filha de *Carlos V.*

A infanta, mais velha do que o irmão dez annos, — *muy hermosa no grande en el cuerpo*, — [1] casou d'ahi a

---

[1] *Chron. de Fillippe II. Tomo I, pag. 9.* CABRERA DE CORDOBA.

quatro annos, (1544). Teve o primeiro e unico filho em Valhadolid, em julho de 1545 e morreu de sobre-parto.

Esse filho foi o tristemente celebre principe *D. Carlos*, idiota, asimetrico, hidrocephalo, com um hombro mais alto e uma perna mais curta, crivado de estigmas psichicos e somaticos de degenerescencia.

D. João III, farto de ver morrer os filhos, quasi simpathico á força de desventuras intimas, recebeu a noticia da morte da infanta, pasmadamente, imbecilmente, afundado nas almofadas do leito, as pernas inchadas e immoveis, (1) a face balôfa e inexpressiva, rolando entre os dedos, como de costume, a tapadoura de um cantaro de prata.

Oito filhos mortos.

Restava o principe *D. João*, ao tempo creança de seis annos, (1845), de-

---

(1) Era El-Rei muito soroso das pernas e tão grossas as tinha que poucas vezes se servia de meias. PAIVA E ANDRADE. *Mem. ined.*

bil, insignificante, creado debaixo de saias, com o seu queixosinho austriaco de prognata, os seus olhos muito azues, triste, incaracteristico, guloso. Foi durante os dez annos seguintes a ultima esperança de descendencia.

Aos 16 annos casaram-n'o com uma prima, creatura beata, nevrosada, cheia de allucinações e de terrores. (1)

Dez mezes depois de casado, o principe adoece, (outubro de 1553), manifesta-se a diabetes, essa terrivel e brusca diabetes dos adolescentes, e em janeiro do anno seguinte, (1554) morre estupidamente deixando a mulher gravida de quasi nove mezes.

O filho d'esta nova união consanguinea, — *filho de lagrimas*, — (2) como lhe chamava o povo, foi o pobre *D. Sebastião*, misogyno e epileptico, morto sem descendencia.

Esta triste historia é eloquente. Não foi a maldição de Deus a attenuar

---

(1) *Chron. VIII*, 27 e 28. D. Manuel de Menezes.

(2) *Portugal cuidadoso e lastimado. Cap. I.* Bayão.

a descendencia real, como julgava a côrte e apregoavam os frades. Foi tão sómente a accumulação da hereditariedade, n'uma familia de nevrosados e de nevro-arthriticos, accumulação determinada pela consanguinidade sistematica dos crusamentos. Foi a degenerescencia das raças reaes, progressiva e irremediavel, a que a fatalidade dos casamentos politicos, e consanguineos roubava todas as probabilidades d'uma regeneração intercorrente.

D. João III estava de antemão condemnado a vêr morrer os filhos que tivesse. A idiotia do principe *D. Carlos* e a epilepsia de *D. Sebastião*, — as duas figuras que extinguiram a familia, ambas egualmente marcadas pelo prognatismo hereditario dos *Habsburgos*, — encontravam-se perfeitamente dentro das previsões de todo o psichiatra que lhes conhecesse as genealogias.

Do primeiro, *D. Carlos*, dizia n'uma carta confidencial o embaixador de França em Madrid:

— «Non obstant les recettes que ses trois medecins luy ont fait user pour se rendre habile d'épouser femme, jamais il n'aura enfants et il le sçart bien.—

Do segundo, o nosso *D. Sebastião*, affirmava o mesmo embaixador *De Fourquevauex*, n'outra carta a *Catharina de Médicis*, em 1569:

— «Devantage je suis adverty que tous ses medecins jugent et les astrologues judiciaires qu'il ne sera point long homme, et une partie des dicts medecins conseille qu'il fault le marier de bonne heure, afin de remedier á une sécrete maladie que'on appelle gonorrée á laquells il est subject.

L'aultre bande dissuade et defend de le marier, car ce serait lui advancer sa fin: et tous d'un sentiment le condamnent á vivre peu d'années. —

Era a este extremo de esterelidade e de miseria que logicamente deviam chegar as familias dynasticas de Hespanha, depois de tantas consanguini-

dades sobrepostas. E' pela accumulação da hereditariedade perpetua durante muitas gerações que se extinguem todas as raças reaes.

Antes de tratar propriamente do pae de *D. Sebastião*, vejamos porque forma a hereditariedade se accumulou n'esta familia reinante, que intercorrencias regeneradoras a aguentaram atravez seculos, que, factores de degenerescencia a extinguiram finalmente.

Provinda d'um veio asturo-leonez, nòbre e por conseguinte germanico e dolicolouro, a nossa realeza barbara foi, no seu inicio e nas suas origens, uma realeza verdadeiramente medular.

Combatividade, turbulencia indomavel, movimento incessante.

Mas logo começou o amollecimento. Os reis passaram a ser menos medulares e mais cerebraes.

A realeza primitiva, realeza de rapina, de movimento, de bestialidade, principiou a afinar-se, a viciar-se e degenerou n'uma realeza de littera-

tura e de apathia. A principio assignavam de cruz nos actos publicos, — «signum crucis manu propria pro ignoratione literarum», — agora poetavam, tornavam-se sedentarios, molles.

D. Affonso IV, ainda infante, mandava emendar o *Amadis*.

As responsabilidades politicas da realeza começavam a crear nas raças reaes um fundo de excitabilidade nervosa. Depois, vinham as perturbações nutritivas nascidas d'uma alimentação defeituosa, de uma vida que se começava a — *queimar pouco* —. D'ahi desordens braditrophicas, preversões de nutrição.

O arthritismo, diathese da realeza, fixou-se.

Os reis envelheciam — *revoltos de carne* — e calvos.

A polisarcia de *Affonso II* apenas lhe permittia, mesmo na guerra, o uso d'um simples sayo de escarlata. [1]

---

(1) *Chr. Cap. I.* Ruy de Pina.

Morreu de lepra, talvez de siphilis. Abusava-se da carne e do vinho, que abundava.

Os nossos reis comiam devoradoramente.

D. Affonso III quiz regulamentar a sua meza, naturalmente por indicação de *Magister Petrus* ou de *Magister Bartholomeus* (1), phisicos palatinos, e impôr-se a um regimen dietetico — *que na cozinha del-Rey nom adubem senon de duas carnes, e a huma seja de duas guizas e aquesto seja em o paço* (2).

O proprio *D. Pedro I* — *era muito viandeiro, suas salas eram de praça em todos os logares per onde andava, fartas de viandas.* (3) —

Nem a therapeutica religiosa do jejum lhes valia.

Entretanto, a consanguinidade co-

---

(1) *Monarch. Lusit. Tomo IV. Pag. 225 e «Provas da Hist». Geneal — VI. Pag. 200.*

(2) *Port. Monum. Hist. — Leges et Consuet. — Livro primeiro dos degredos e constituições que fez o mui nobre Dom Afonço. — Degredos XIV e XV.*

(3) *Chron. Cap. I.* FERNÃO LOPES.

meçava a ser materia commum nos casamentos reaes. Algumas vezes, por necessidade politica, os casamentos faziam-se com manifesta differença de edades.

Affonso III tinha *quarenta e tantos annos* quando casou com *Beatriz de Gusmão* — *a rainha rabuda*, — que apenas *completara os treze.*

Foi quasi um crime.

D. Diniz, producto d'esta união, escolheu para mulher uma pobre infanta taciturna, doente, cheiad e allucinações, de perturbações nervosas, neta paterna de *Santa Izabel da Hungria*, terceira neta materna de *Humberto III*, o *Santo de Saboya.* (1)

Essa infanta, tão digna de respeito pela sua doença, foi *Santa Izabel de Portugal.*

As nossas raças reaes começavam a degenerar.

O segundo genito d'esta união, *Af-*

---

(1) *Hist. Geneal da casa de Courtenay. Liv. I, Cap. 3.*

fonso IV, era uma creatura violenta, sombria, quasi lugubre, absorvida no delirio da razão de estado. Casou com uma tia, (1) isto é, com uma segunda prima, *D. Beatriz*, muito devota de S. Francisco, sempre rodeada de frades, de capellães, inteiramente dominada pelo confessor, o franciscano *Frei Estevam da Veiga*.

De novo o sangue de *Izabel da Hungria*, de *Fernando o Santo de Leão*. Accusa-se já a degenerescencia na fraca resistencia dos filhos: quatro, *D. Affonso*, *D. Diniz*, *D. João*, *D. Isabel*, morrem ao nascer; *D. Leonor*, segunda mulher de *D. Pedro IV d'Aragão*, o *Cerimonioso*, casa aos 17 annos, e sempre — *opprimida de achaques, morre aos vinte, sem filhos*. — (2)

Apenas dois genitos vingaram: a infanta *D. Maria*, mulher de *Affonso XI*

---

(1) *Catalogo Real y Geneal. de España, pag. 59, V*, — chama-lhe: — SU TIA. — RODRIGO MENDES DA SILVA.

(2) *Hist. Geneal. I, 363. Zurita, Annales, livro 8. Cap. 13.* — SOUSA.

de Castella, seu primo-co-irmão, e *D. Pedro o Cruel de Castella*, um verdadeiro louco moral, ruivo, gigantesco, sanguinario, uxoricida, quasi matricida, — *ceceoso un pouco en su hablar*, — [1] marcado de estigmas, — *toujours hardy et courageux*, — [2] prodigio de avareza e de devassidão, de ferocidade e de animalidade.

O segundo, o nosso rei *D. Pedro I*, um epileptico, ao mesmo tempo lugubre e patusco, cheio de insomnias, de terrores nocturnos, gago, cruel, violento, crivado de psichopathias sexuaes, dançando de noite pelas ruas ao som de trombetas de prata e accusando-o — *ictus convulsivo sob uma fórma vaga de accidente.*» — [3]

Uma forte herança morbida, largamente capitalisada durante algumas gerações por consanguinidades sobre-

---

(1) *Chroniques, 340.* — Froissart.

(2) *Chronica de Dom Pedro. Capitulo 1, VI, VII, XIV.* — Fernão Lopes.

(3) *Chr. de D. Pedro. Pag. 130.* — Ayala.

postas, dera finalmente, como productos terminaes do ramo dinastico de Bolonha, um epileptico e um louco moral.

Sobreveiu então a *intercorrencia regeneradora d'uma bastardia.*

Certa femea plebea, *Theresa Lourenço*, fecundada por esse degeneradão gago e cruel, conseguiu neutralisar em parte, as taras pesadas da linha paterna, e assegurou por um genito forte, uma nova dinastia. (1)

Esse génito, *D. João I*, não tem já o typo alto, esguio, ariano, louro, decerto dolicocéphalo, constante na realeza portugueza dos primeiros periodos.

Vem baixo, atarracado, trigueiro, cabello preto, craneo curto, indicando a influencia directa do typo materno, celto-slavo, escuro, plebeu. Conserva

---

(1) Bem faziam os principes, — e bem o deviam fazer sempre, — em descer até o povo e robustecer as suas dinastias com a inexgotavel força da plébe. — MAX NORDAU.

ainda o feitio epileptico do pae, accusa vagos accidentes seguidos de amnesia e suspeitos de — *pequeno mal,* — attribuidos pela medicina do tempo, segundo *D. Duarte*, a uma cadela damnada que o mordera em creança. [1]

Mas apesar d'isso, o trabalho de regeneração é evidente, e accentua-se mais tarde pelo cruzamento feliz com o veio normando de *Lencastre.*

Os filhos de *D. João I* foram sem duvida os mais brilhantes exemplares das genealogias reaes portuguezas.

Mas as táras hereditarias da linha paterna neutralizadas em parte por duas intercorrencias regeneradoras, conservaram entretanto a todos elles um desiquilibrio manifesto e essencial, um fundo de predisposição, que os tornou particularmente sensiveis ás minimas influencias externas.

A *duqueza de Borgonha,* — *la plus*

---

(1) *Leal Conselheiro. Cap. XX.* — D. Duarte.

soupsonneuse Dame quont enst jamais congneuse,» — [1] cáe n'um verdadeiro delirio do ciume em seguida a suppostas infedilidades do *Duque.*

D. Fernando e *D. Henrique*, morrem virgens como *Galaaz*, sem ter conhecido a sombra de uma mulher.

O infante *D. João*, um impaludado, tem crises de exaltação maniaca coincidindo com os accessos, e acaba em plena cachexia tellurica, na villa de Alcacer do Sal. [2]

D. Duarte, toda a sua vida um fraco, um doente da vontade, neurasteniza-se depois d'um curto periodo de trabalho cerebral intenso, e elle proprio fixa todo o syndromma n'um dos capitulos do seu *Leal Conselheiro.*

— Depressão psichica, *tedium vitae,* preoccupações nosophobicas, amyosthenia, perturbações dispepticas. —

---

(1) *Commines. Memoires. Livro I. Cap. I.*

(2) *Chronica do Infante D. Pedro. Cap. VI.* Ruy de Pina.

com a minucia escrupulosa e fatigante de um verdadeiro neurasthenico.

De todos elles o unico regularmente equilibrado, é o infante *D. Pedro*, o touriste das *Sete Partidas do Mundo*, sibarita ambicioso, dissimulado, tortuoso e hipocrita, democrata elegante, — *«cujas negociações eram todas com gente popular.»* (1)

Este mesmo tem filhos nevrosados e extravagantes.

Um d'elles, o *cardeal D. Jayme*, casto como os tios, morre em Florença, aos 25 annos, e responde ao archi-médico que lhe dá como unico remedio o dormir com mulher, — *antes quero morrer limpo que viver sujo.* (2)

Outra, *D. Beatriz*, — *madame de Ravestain*, — casada com *Adolpho de Cle-*

---

(1) *Chr. do Inf. D. Pedro. Cap. VI.* — Gaspar Dias de Landim.

(2) *Lusitania pupurata, 187.* — *Chr. de D. Affonso V, pag. 506.* — *Hist. Geneal., II, 93.* — Duarte Nunes.

ves, com quem vive — *en entier chastoy de son corps*, — é uma historica, cae frequentemente em estado de extase: — et vestue de drap d'or et de royaux atournements, feignant estre la plus mondaine des autres, porte journellement la haire sur sa chair nue, jeune en pain et en eau, et son mary absent couche en la paille de son lit.

Tudo cerebros frageis, tocados, predispostos. E coisa curiosa: a ideia fixa d'um misticismo casto, d'uma abstinencia escrupulosa, parece dominar inteiramente o psichismo dos descendentes de *Fillipa de Lencastre*. O proprio *D. Duarte*, exactamente como mais tarde o sobrinho cardeal, recusa-se a dormir com mulher, quando o phisico *Mossem Johão Morsala* lh'o aconselha na sua primeira crise de cerebrasthenia, e vem a casar virgem, ainda infante, aos trinta e sete annos de edade. (1)

(1) *Leal Conselheiro. — Cap. XIX.*

Um filho natural de *D. João I, D. Affonso, Conde de Barcellos,* um arthritico, sempre tolhido de rheumatismo, [1] casa com a filha de *Nun'Alvarez, D. Beatriz.*

O infante *D. João,* tambem filho de *D. João I,* casa com uma neta do mesmo *Nun'Alvarez, D. Isabel,* sua sobrinha.

O infante *D. Fernando,* filho de *D. Duarte,* um desiquilibrado que passou a vida a fugir para a Africa, como mais tarde *D. Sebastião,* casa ainda com uma bisneta de *Nun'Alvarez, D. Beatriz,* cujo enxoval era um deslumbramento.

E por ultimo, *D. João II,* neto de *D. Duarte,* e bisneto de *D. João I,* outro arthritico profundo, com a cabeça inteiramente branca aos trinta annos, [2] vem a casar com *D. Leonor,* ainda terceira neta de *Nun'Alvarez.*

---

(1) *Chr. D. Affonsso II. Pag. 185* Duarte Nunes

(2) *Chr. de D. João II. Virtudes, feições, costumes e manhas.* Garcia de Rezende.

O resultado d'estas consanguinidades successivas começa a manifestar-se já nos productos do segundo d'estes crusamentos.

Dos quatro filhos do infante *D. João* e de *D. Isabel,* tio e sobrinha, um, *D. Diogo,* morre aos 19 annos talvez tuberculoso. [1]

Outra, *D. Fillipa,* cheia de exaltação mistica, apavorada pela ideia do contacto com um homem, recusa-se terminantemente a contrahir matrimonio.

A terceira, *D. Isabel,* mulher de *D. João II de Castella* e mãe de *Isabel a Catholica,* ciumenta, desconfiada e taciturna, endoidece em *Valhadolid,* [2] ao vêr o marido morto de peste, e sobre o cadaver do rei, diz: — *Diogo Clemencin,* — *la Reyna que habia ya algun tiempo estado lastimada del Juicio, acabó de perderlo de todo* [3].

---

(1) *Hist. Geneal. II.* – *158.*

(2) *Chr. Pg.* 2. Pulgar.

(3) *Memorias de La Real Academia de Historia. Tomo VI, Pag* 2.

A unica aproveitavel é a quarta filha, *D. Beatriz,* que casa, como dissémos, com o infante *D. Fernando.*

Dos filhos d'esta nova união, cinco, *D. João, D. Diniz, D. Duarte, D. Simão* e *D. Catharina,* d'uma resistencia phisiologica minima, são casos somaticos de mortinatalidade ou morrem de poucos dias. O sexto, o infante *D. Manuel,* depois rei, é um imbecil com sorte, vazio, balofo, crivado de estigmas somaticos de degenerescencia, macromelico, — *os braços carnudos e tam compridos que os dedos das mãos lhe chegavam abaixo dos joelhos,* — (1) acrocephalo, e néandertaloide a julgar pelo retrato da *Leitura Nova,* e por varias fontes iconographicas.

A setima, *D. Leonor,* creatura patibular, sombria, misteriosa, sobre cuja memoria pesa uma suspeita horrivel, casa com *D. João II.*

O unico génito d'esta união é o principe *D. Affonso,* a quem dão por mu-

---

(1) *Chron de D. Manuel. Pag. 594.* DAMIÃO DE GOES.

lher uma outra prima, uma tuberculosa, filha de *Isabel a Catholica,* irmã de *Joanna a Doida,* e neta de outra alienada, *Isãbel de Castella,* a quem já nos referimos.

Morto o principe *D. Affonso* bruscamente, sem filhos, *D. Manuel* insiste em crusar-se com o sangue de *Joanna a Doida,* de *Isabel de Castella.*

Casa com a princesa viuva, cuja tenção — *era mais de ser religiosa que casada,* — (1) apressa-lhe a morte n'um parto difficil, vê o filho morrer de convulsões em pouco tempo, e volta a casar-se com outra irmã de *Joanna a Doida,* outra neta de *Isabel de Castella,* a pobre infanta *D. Maria,* pallida, insignificante, feia, — *o queixo do rosto um pouco summido,* — (2) os olhos entre verdes e brancos, morta com um cancro no utero depois de lhe ter dado dez filhos (3).

---

(1) *Chron. Cap. 22. Pag. 21.* Damião de Goes.
(2) *Ob cit... Pag. 492.*
(3) *Ut supra.*

D'ahi por diante, é ás proprias filhas de *Joanna a Doida* e do *archiduque Fillipe*, é á propria casa d'Austria, onde tambem já havia sangue portuguez pelo casamento do gigantesco *Frederico III* com a pequena *Leonor*, filha de *D. Duarte*, e mais tarde pelo casamento de *Maximiliano* com *Maria de Borgonha*, filha de *Carlos o Temerario*, neta de *D. Isabel, duqueza de Borgonha*, bisnésta de *D. João I*, — que os principes da casa de *Aviz*, vão buscar ventres para semear os herdeiros da corôa.

O primeiro é ainda o proprio *D. Manuel*, esse *Seleuco* de braços enormes, que escolhe para sua terceira mulher uma irmã de *Carlos V*, *D. Leonor*, de quem o nosso embaixador em Flandres informara:

— *Madama Leonor nom he muy hermosa nem se lhe pode chamar feiã: nom tem bõos dentes e é pequena de corpo.* — [1]

---

[1] Carta do Embaixador Pedro Correia. Torre do Tombo. Corpo chronologico. Parte I. Maço 21. n.º 26.

Em seguida, *D. João III,* gottoso, opado, quasi idiota, sempre doente depois da pleurisma que teve em creança, casa com outra irmã de *Carlos V* e sua prima, a princeza *D. Catharina,* filha posthuma do *archiduque Filippe,* nascida na prisão de *Tordesillas* e ahi creada na intimidade sombria da mãe doida.

Como já vimos, dos nove filhos d'esta união, sete são nado-mortos ou morrem de convulsões. Uma, a princesa *D. Maria,* casa com o primo, *Filippe II,* e morre de sobreparto. Outro, o principe *D. João,* despósa a princesa *D. Joanna,* filha de *Carlos V,* neta de *Joanna a Doida,* terceira neta da louca *Isabel de Castella*, morre de diabetes dez mezes depois de casado, — e o producto terminal de toda esta accumulação de hereditariedade n'uma familia, o genio posthumo nascido por uma madrugada fria de janeiro, quasi ao claro processional de mil tochas acêsas, entre o badalar festivo de todos os sinos da cidade e o immenso

Te-Deum erguido pela onda negra dos frades e do povo, esse ponto final d'uma dynastia e d'uma raça, é *D. Sebastião.*

A hereditariedade transforma-se, n'esta verdadeira genealogia de neuro-arthriticos. A um imbecil macromélico, crivado de estigmas de degenerescencia, sucéde um gotoso e um hemiplégico, a este um herédo-diabético que morre em casa aos 16 annos, e a este ultimo, finalmente, um epileptico, misogyno, creado no horror da mulher pelos theatinos, — *con sospecha de inhabilidad para tener hijos* — diz D. Juan da Silva n'uma carta a *Fillipe II,* — *sans puissance d'homme* — confirma De Fourquevaulx n'outra carta a *Catharina de Médicis.*

. . . .

Palido, insignificante, crivado de estigmas familiares, com o achatamento lateral do craneo e o prognatismo inferior caracteristico dos *Habsburgos,* creado em oratorios, em capelas, debaixo das saias da mãe e das

donas castelhanas, rodeado de capelães e de frades, de medicos e de inquisidores, fallido por uma herança sem correcções e por uma educação sem virilidade, o pobre principe *D. João* foi sempre, desde a sua primeira infancia, uma creatura triste, enfermiça, obscura e predestinada.

Porque era o filho unico, a ultima esperança de descendencia, a reliquia de oito filhos mortos, cercavam-no de cuidados excessivos, davam-lhe uma existencia artificial, effeminavam-no, intoxicavam-no, viciavam ainda mais aquelle organismo predisposto e condemnado. Com medo de o fatigar não lhe davam mestres. Com receio de um desastre prohibiam-lhe todo o exercicio phisico.

Aos oito annos o principe era um pobre pequeno indifferente, apathico, com uns grandes olhos azues inexpressivos, triste, incaracteristico, guloso.

— *Anda negociado em buscar-lhe muitas coisas de comer, e sabel-o-ha muy bem*

fazer, por quão guloso hé, — escrevia a infanta *D. Maria*, depois mulher de *Filippe II*, á futura noiva do irmão.

Suspeito sempre de fraco, de doente, esse genito ultimo d'uma familia de arthriticos era creado na superalimentação e na sedentariedade. Aos dez annos soffria já de rheumatismo. Aos trese, sempre doente, dormia ainda com seus paes, — *em casa da Rainha e á ilharga da cama de Suas Altezas* (1).

O bispo de Miranda, seu perceptor, não o abandonava.

Os medicos vigiavam-no constantemente. *Garcia da Orta*, o mais illustre de todos, affirmava a quem o queria ouvir, que o principe não teria longa vida.

Entretanto, a despeito da hereditariedade e da doença, nas mãos frageis d'esse pobre pequeno repousavam interesses dinasticos poderosos. A' sua

(1) *Ob. cit., parte IV. Pag. 453* — Andrade.

existencia prendiam-se compromissos de ordem diplomatica, que era necessario honrar e satisfazer. O seu casamento solemnemente tratado na casa de Austria para quando completasse os quatorze annos, approximava-se e impunha-se.

Todos conhecem a funesta influencia que exerce, sobre a viabilidade dos filhos, a união prematura dos paes.

Todos sabem que poderoso factor de degenerescencia, para uma geração, é a incompleta maturação dos geradores. Mas se considerarmos ainda, que o principe *D. João*, além de muito novo, era um verdadeiro enfermo, rheumatisante aos dez annos e provindo d'uma dinastia de arthriticos e de loucos; se considerarmos que a noiva que lhe destinavam era uma sua prima co-irmã, como elle entroncada na casa de Austria, como elle ferida dos estigmas caracteristicos dos *Habsburgos*, do mesmo achatamento lateral do craneo, do mesmo prognatismo, cheia de allucinações sensoriaes, e

tendo capitalisado uma terrivel herança em successivas consanguinidades,—semelhante casamento, contra o qual os medicos quinhentistas já possuiam elementos para se pronunciar, attinge as proporções monstruosas d'um verdadeiro crime politico.

Não houve considerações que abalassem a diplomacia inflexivel do tempo.

Aos quinze annos, o pobre principe, consumava matrimonio com *D. Joanna*, irmã de *Filippe II*, princeza de 16 annos incompletos.

Sempre creado debaixo de saias, não tendo dormido uma unica noite senão—*em casa da Rainha*,—passava d'um leito de mãe para um leito de esposa bruscamente, inesperadamente, sem preparo, sem transicções.

Essa subita revelação não podia deixar de abalar todo o seu ser. Degenerado adolescente e eminentemente impressionavel, o primeiro contacto da mulher, constituiu, sem duvida, para o seu systema nervoso, uma cau-

sa de excitações e de perturbações profundas. O fraco equilibrio das suas energias devia fatalmente resentir-se. Assim succedeu.

Mezes depois de casado ganhava uma attitude de—*senium precoce*,—cavavam-se-lhe as feições, começava a emmagrecer, a desbaratar-se cada vez mais. Dormia muito, mas não tinha febre, não se queixava de nenhuma lesão interna, e o seu unico mal era—*sentir continuamente uma sede insaciavel*—[1].

D. João III, perplexo, idiota, embrulhado n'uma opa de pardo forrado, mandou logo convocar toda a camara dos seus doutores palatinos, capellos amarellos das Universidades de Hespanha, licenciados, cirurgiões, phisicos, boticarios, o doutor *Diogo Lopes*, phisico-mór, o doutor mestre *Filippe*, medico francez, o doutor *Garcia da Orta*, o doutor *Antonio de Navarra*, o

---

[1] *Chronica de D. João III. Parte IV. Pag. 453.* — ANDRADA.

doutor *Antonio Gentil*, mestre *Guilherme*, cirurgião, mestre *Gil da Costa*, mestre *Lopo* boticario, — todo o clustro pleno dos sabios e archi-medicos do Paço da Ribeira — [1]. Os chronistas do tempo dão-nos noticia do diagnostico então feito, e das primeiras resoluções tomadas por esse capitulo illustre:

— «Os medicos disseram que se chamava a enfermidade — *habetica passio*, — que era sentir continuamente uma insaciavel sede, a que primeiro remedio que lhe elles deram foi apartamento da conversação da princesa sua mulher, como da causa que maior mal lhe poderia fazer, e não faltaram alguns que a continuação d'esta converçam deram por causa a esta doença do Principe Nosso Senhor — *habetica passio*, — » [2] — *paixão habetica* —, — *paixão diabetica* —, ou seja,

---

[1] *Chronica de D. Sebastião. VI. Pag. 26.* – MENEZES.

[2] *Chronica de D. João III. Parte IV. Pag. 453.*

na pathologia moderna, a brusca e terrivel diabetes dos adolescentes, doença rara que só apparece no quadro das grandes familias nevropathicas e em cuja etiologia a hereditariedade desempenha um tão importante papel.

Tratando-se d'um neuro-arthritico profundo, creado nos habitos sedentarios da realeza, d'um rheumatisante precoce portador de pesadas taras hereditarias, genito de consanguinidades sobrepostas, nenhuma duvida pode ter um medico de hoje em confirmar e esclarecer o diagnostico dos seus collegas palatinos de 1553, dada além d'isso a evolução da doença, a sua fórma rapida, a emaciação progressiva sem febre e sem lesões internas, a polydipsia intensa, e sobretudo o fim brusco em coma, ou talvez n'um d'esses episodios de broncho-pneumonia fulminante dos adolescentes diabeticos, como parece deprehender-se das informações do tempo.

—«Sem obedecer a este remedio,

nem a quantos para ella se ordenaram, foi a doença crescendo cada dia, e elle emmagrecendo e desbaratando-se cada vez mais, mas não de maneira que deixasse de andar a pé: e uma das oitavas do Natal esteve presente a um auto que se fez na sala grande dos paços da Ribeira, em que El-Rei, seu pae, então pousava, e elle pousava nas casas de *Fernão Dalvares d'Andrade*, que estavam pegadas ao paço. Logo no domingo seguinte, que era o derradeiro dia do mez de Dezembro, tendo aquella noite chovido muita agua, e ficando sua Alteza só na sua camara, pela manhã em quanto se vestia um seu moço de guarda-roupa, que o acompanhava de noite, se levantou da cama e entrou n'um oratorio das mesmas casas que tinha porta na sua camara e uma janella raza para a banda do mar, com uma sacada de pedra marmore algum tanto cavada, em que recolheu muita quantidade da agua que tinha chovido aquella noite, da qual sua Alteza apanhou tanta com

uma toalha, que espremendo-a n'um pucaro o bebeu cheio quatro ou cinco vezes, que lhe fez tanto damno que, sem se levantar mais da cama, começou logo a entrar em signaes de morte.» [1]

A hypothese de bronchio-pneumonia terminal, frequente n'estes casos, é, como se vê, a mais terrivel.

Em dois dias morreu. Tinha adoecido em outubro de 1553; estavamos em janeiro de 1554; uma evolução rapida de quatro mezes.

Pouco depois, nascia-lhe posthumo um filho epileptico. Era a confirmação. A epilepsia, proxima parente da heredo-diabetes nas grandes dinastias nevropathicas, punha ainda a sua chancela sob o diagnostico brilhante do seculo XVI.

Infunde pavor. Mas esse pavor é sagrado, porque lança no grande publico o conhecimento mais circunstan-

---

(1) *Ob. cit. loc. cit.*—ANDRADA.

ciado da grande verdade scientifica, que se vem demonstrando.

É formidavel o flagello, a fonte de tanta degenerescencia e degradação das familias reaes credoras sempre d'uma prophylaxia e therapeutica rigorosa e efficaz, sob o ponto de vista social.

A utilidade de tal, impõe-se.

Mas, desgraçadamente, encontramos muitas mais justificações ao nosso trabalho, e embora o já citado *Dr. Galippe* não se occupasse dos estigmas intellectuaes da degenerescencia encontradas nas familias reaes, não quer dizer que não paguem um grande tributo á neurasthenia e á loucura. O celebre medico deu a preferencia das suas investigações aos estigmas phisicos e, entre estes, sem duvida, por ser dos mais abundantes, ao prognatismo inferior.

Pelo exame minucioso dos documentos iconographicos que possuem as bibliothecas e as collecções de medalhas, o *Dr. Galippe*, encontrou os es-

tigmas phisicos da degenerescencia das descendencias reaes de Hespanha, *Portugal*, Saboya; Sardenha, Toscana, Este e Madena, em toda a casa de França, (Valois-Orleans, Angouleme; Bourbons, *Braganças*, Guize e Lorena), nas familias reaes de Inglaterra, Belgica, Saxonia e Wurtemberg.

Os 260 retratos que reuniu teem todos a marca da degenerescencia e constituem uma excellente lição pela imagem.

Outro ensinamento se deprehende d'essas demonstrações. A ruina da theoria do direito divino que tirou todo o credito espiritual ás familias reaes, com referencia á Europa Occidental.

As investigações e as conclusões do *Dr. Galippe* incitam-nos a só ter compaixão por esses degenerados, que tantos ingenuos ainda acclamam superstíciosamente.

Prova-nos, ainda elle, que em tempos idos, muito idos mesmo, o chefe era escolhido d'entre os mais valen-

tes, o que mais sobresahia pelo seu vigor, aspecto e estatura. Hoje, o incenso e as honras vão para os degenerados.

*

*   *

A ideia de ver phantasmas pavorosos, tetricos, inimigos infieis e perigosos, é frequentissima nas pessoas reaes, e serve até para o diagnostico de algumas.

A mania delirio de perseguição, a ideia delirante da apparição dos referidos phantasmas, é muitissimo habitual. O doente, allucinadamente sobresaltado, ouve cavernosas vozes, vê sombras aterradoras perpàssarem, repetidamente, pelos olhos, á laia de enormes figuras que fogem, pretendendo occultarem-se.

Alterado, delirante, entrega-se a constantes pesquizas, inventa armadilhas, na intenção de acabar com aquella fabulosa multidão de inimigos. Não ha argumentos, não ha pa-

lavras que valham. Tudo é torturado, dominado á satisfação da fixa ideia delirante. E este furioso delirio,— affirma o psichiatra *Kraeplin*,— mantem-se inalteravel durante repetidos annos, sendo um dos mais notaveis nas familias reaes e comprehendido como bastante digno de analyse, tanto mais, quanto é certo que tem merecido proveitosos apontamentos, inseridos nos livros de Psichiatria de celebres alienistas, como *Shucle*, *Ritti*, *Krafft-Ebing* e *Dominico Ventura*.

Teem as constantes allucinações da vista, as ideias negras da perseguição, e é n'um d'estes momentos delirantes, que o atacado julga ver os referidos phantasmas pavorosos, os inimigos perigosos da ordem, que geralmente concebe as ignominiosas leis de excepção, que são, leis de morte contra toda a gente.

Nas occasiões em que se encontra allucinadamente sobresaltado, vê sombras pavorosas desmoronarem-se sobre elle, e sentindo a dentro da sua

insanidade mental um egoistico amor á preponderancia, megalomano e rancoroso, convencido de que realmente existe a tal lendaria e fabulosa multidão de inimigos, gera productos hibridos e naturaes d'um cerebro doentio.

Estas observações, teem sido feitas nos membros das familias reinantes.

E taes manifestações, são decisivamente actuantes na vida moral dos povos. A devassidão barbara dos reis, o escrupulo supersticioso da virtude, o delirio mistico da castidade, que reveste, quasi sempre, um caracter degenerativo, os incestos, as violações, reflectem-se e influem sobre a sociedade.

E para o provar, basta recordarmonos da influencia decisiva de *Filippa de Lencastre*.

Ella só, modificou profundamente a sociedade portugueza.

E não foram necessarias violencias. Bastou o exemplo.

Placidamente, tranquilamente, fez uma revolução nos habitos e nos costumes.

Reflexiva, serena, entrou na côrte portugueza em circumstancias que deviam ter ferido o seu natural orgulho de mulher.

Antes, *D. Pedro I* pretendera moralisar, mas moralisára á bruta, fazendo justiça de epileptico, gaguejando improperios, enforcando, azorragando, ensanguentando as suas proprias mãos. Passado o primeiro momento de terror, tinha de novo em volta de si a mesma côrte de devassos, e — peor ainda, — era elle proprio o mais devasso de todos.

Um desgraçado, — diz ainda Julio Dantas, [1] — como *D. Pedro*, epileptico, derrancado, crivado de psicopathias sexuaes [2], não moralisa, quando muito assassina.

Filippa de Lencastre, não. Tinha por si a força do seu exemplo. Essa pobre mulher de quasi trinta annos, sem prestigio e sem belleza, amortalhada

---

(1) *Raças Reaes.* — Dr. Julio Dantas.
(2) *Chron. Cap. C. L.* — F. Lopes.

em grandes dobras hirtas de panno d'ouro, atravessando o paço sempre de olhos baixos, cheia de doçura e tranquillidade, mas possuindo a terrivel energia de certas creaturas apparentemente passivas, dominava inteira e completamente o rei, esse *D. João I*, caracter torcido, espirito interesseiro, tortuoso, cheio de cuidados e de simulações. Algum tempo ainda, e estava tambem dominada a côrte.

Foi uma conquista palmo a palmo, feita com um singular poder de infiltração, sem exaltações, sem violencias, não perdendo a sua doçura incomparavel.

A maior força de *Filippa de Lencastre* estava no seu exemplo, na sua fundamental e indestructivel virtude.

A côrte do rei *Fernando*, um adultero e um infanticida [1], converteu-se n'uma côrte casta, methodica.

E foi *Filippa de Lencastre*, quem edificou sobre aquella ruina de adulterios,

---

[1] *Chron. de D. Pedro. Cap. VIII.*—Fernão Lopes.

de infanticidios, de incestos e de violações que era a sociedade portugueza do fim do seculo XIV, uma côrte nova.

A honra d'esse renascimento pertence exclusivamente a ella. Ou não fosse, como diz ainda Julio Dantas, uma ressurreição, uma reminiscencia ancestral d'essas duas figuras de *Fernando o Santo de Castella* e *S. Luiz*, rei de França, seus avós paternos.

Mas vejamos ainda o desfile da pavorosa procissão de principes e princezas nevropathisadas.

É duplamente interessante;—para a psichiatria e para a historia.

Henrique IV de Inglaterra, era um epileptico com fulgurações frequentes. Accusava desde creança,—*une espece d'Apoplexie qui souvenait assez souvent et qui le faizait tomber sans connaissance*—[1].

Mais tarde, já louco, dormia abra-

---

[1] *Rapin de Thoyras.— Hist. d'Angl., vol. IV, pag. 69. Documentação do* DR. JULIO DANTAS,

çado á corôa real com medo que lh'a roubassem. Morreu aos 46 annos, talvez de lepra [1].

Izabel de Lencastre, irmã de *Filippa*, casada com o *conde de Penbroke*, foi d'ahi a pouco repudiada pelo marido. Era uma creatura ignobil.

Ainda em vida do primeiro marido casou com *João de Hollanda, duque de Excester*, e mais tarde em terceiras nupcias com *João Cornwall.*

D. Catharina, irmã d'estas, depois rainha de Castella pelo seu casamento com *Henrique o Enfermo*, era um ser androgino, degeneradão e ruivo, — *que en el talle y meneo del cuerpo tanto parecia hombre como mujer* [2].

Teve em toda a Hespanha fama de bebeda. Aos quarenta e dois annos estava hemiplegica. Continuou a alcoolisar-se, nova hemorrhagia cerebral, e estoirou aos cincoenta.

---

(1) *Meseray dit que c'etait la Lepre. Ob. cit., Poc. cit., idem.*

(2) *Generaciones. Semblanzas e obras, etc., app. á Ch. de D. Ioão II de Castella.*— PEREZ DE GUSMAN.

Foi mãe de *João II de Castella*, avó de *Izabel a Catholica*, bisavó de *Joanna a Doida*, terceira avó de *Carlos V*, quinta avó de *D. Sebastião*.

Outro, *Henrique*, filho de *Catharina Rouet*, era um pobre diabo apagado, nullo, impotente.

João de Gand, duque de Lencastre, era um inglez sibarita, magro, ruivo, enorme, um pouco gago, e absolutamente desprovido de senso moral.

Teve varias amantes e entre ellas uma chamada *Catharina*, filha de *Paon Rouet*, arauto, e casada com um tal *Sir Hugh*, do condado de *Lincoln*.

João de Gand apaixonou-se por ella, mandou passear *Sir Hugh*, e trouxe-a para os paços de Saboya, a viver conjuntamente com a mulher legitima, a *condessa Branca de Lencastre*.

Pouco depois *Branca de Lencastre* morria, naturalmente de vergonha e de dôr, e o duque fazia *Catharina Rouet* preceptora das filhas (1).

---

(1) ***Raças reaes***.— Ainda JULIO DANTAS

Mas ainda não é tudo.

Passados poucos annos *João de Gand* movido pela ambição da corôa de Castella, casa com uma filha de *Pedro o Cruel, D. Constança,* pobre creatura beata, taciturna, flagelada de enxaquecas [1], e obriga-a tambem a viver com *Catharina Rouet,* como já obrigára a infeliz *Branca de Lencastre*, de modo que, durante um certo tempo, cohabitaram sob os mesmos tectos dos paços de Saboya, n'uma promiscuidade absurda, o duque, a amante, os filhos da amante, a segunda mulher, e os filhos da primeira mulher.

Pouco depois, *D. Constança* morria no meio de halucinações horriveis, e o duque casava solemnemente com a filha do arauto *Paon Rouet,* ainda em vida do pobre *Sir Hugh*, que não teve decerto o espirito sufficiente para mandar fazer uns chavelhos d'oiro como o marido de *Leonor Telles.*

---

(1) Froissart.

João de Gand morria em 1399, deixando oito filhos, entre os quaes o idiota do *Cardeal de Winchester*.

A mesma anesthesia moral se encontra no pae de *João de Gand*, — *Duarte III de Inglaterra*.

A sua vida foi tão escandalosa, tão cortada de incidentes miseraveis que á hora da morte, quando o viram prostrado, todos lhe voltaram as costas.

Apenas se conservou junto d'elle, a ultima amante, *Alix Pierce*, quasi uma rameira, que elle enriquecera e cobrira de joias. Mas essa mesma, ficou para o roubar. — *Quand elle le vit prés de sa fin, elle se saisit de ce qu'elle trouva de plus precieux, lui arracha l'anneau quil avoit au doigt, et se retira* (1).

Foi tão bom que no ultimo instante da agonia, o velho rei normando não teve quem lhe cerrasse os olhos.

Mas a figura mais profundamente tragica d'esta ancestralidade de epi-

---

(1) *Hist. d'Angl.* — RAPIN DE THOYRAS

lepticos, de bebedos, de adulteras e de loucos moraes, o tipo onde mais se acentuou a degeneração da velha dinas tia ingleza sustentada durante algumas gerações por varias intercorrencias regeneradas, o exemplar mais perfeito e mais acabado d'esta grande familia nevropathica, foi sem duvida alguma *Duarte II* pae de *Duarte III*, avô de *João de Gand* e bisavô de *Filipa de Lencastre*.

Com elle entramos em plena monstruosidade, em plena aberração sexual.

A pagina que se refere aos seus vicios, á sua deposição e á sua mórte, é das mais repugnantes e das mais terriveis da dinastia dos *Plantagenetas*.

Toda a vida de *Duarte II* foi dominada por dois homens, — a principio por *Pedro Gaveston*, seu amante, e morto este, por *Hugo Spencer*.

A rainha *Isabel*, filha de *Fillipe o Bello* e mulher de *Duarte II*, fugira para Paris a reunir-se ao ruivo e gigantesco *Mortimez*, por quem se apaixonára, e emquanto seu marido acabava a vi-

da miseravelmente, assassinado no castello de *Barckley*, ella, gravida de *Mortimez*, tinha o seu primeiro filho adulterino. Quasi tão monstruosa como o marido, devassa e barbara, tinha como elle, uma hereditariedade pesada, era filha de *Fillipe o Bello*, falsificador de moeda, ladrão de baixelas d'ouro vivendo de expedientes e de exacções (1), e neta de *Filipe III de França*, outro degenerado, exemplar de *infantilismo* e de imbecilidade, cuja inversão sexual foi um verdadeiro rosario de misérias e de vergonhas (2).

Semelhante figura, semelhantes documentos, semelhantes familias, não podem deixar duvidas a um psichiatra.

Mas ainda não é tudo.

A loucura moral de *João de Gand* tinha de resurgir mais tarde n'um descendente, *Henrique II*, que — *ruina entierement sa reputation par les debauches auxquelles il s'abandonnait tout les*

(1) *Continuateur de Nangis ed Gerau, T. L.*
(2) *Grandes Chroniques de Saint Denis, V*

jours — [1], como a homosexualidade do amigo de *Gaveston*, resurgiu em *Ricardo II*, outro prevertido sexual, mas este violento e esbanjadôr, decorativo e sanguinario, adorando o fausto e os cerimoniaes, como um imperador bisantino, vestindo-se d'ouro como *Constantino Porphyrogeneta*, sentando todos os dias á sua mesa duas mil pessoas [2].

Em paixões repugnantes não ficou a dever nada ao seu immundo antepassado.

Mais tarde o espirito turvou-se-lhe.

Tinha terrores nocturnos, halucinações sensoriaes O espectro do *arcebispo de Cantarbery*, que elle mandara matar e a cuja morte assistira, apparecia-lhe coberto de sangue, com as roupas pontificaes em desalinho, estendendo as mãos crispadas para elle. O pobre rei fugia, uivava, arrepelava-se, tinha excitações medonhas. Foi

---

[1] *Hist. d'Angl, IV, 68.—Documentação de J. Dantas.*—Rapin de Thoyras.

[2] *Chr de Richard II Tomo VI, 157.* Jean Lebeau.

preciso desenterrar o cadaver, pôl-o n'uma egreja entre quatro tocheiros de ferro, já pôdre, e guardal-o á vista por soldados, não se erguesse ainda aquella pobre sombra sangrenta a povoar mais uma vez as halucinações do monarcha.

Por ultimo esboçou-se um delirio de perseguições que se foi marcando, definindo, sistematisando, e o pobre *Ricardo II* nunca mais metteu na bocca uma migalha de pão. Tinha medo de que o envenenassem e morreu de fome [1].

---

(1) *Raças Reaes.* Dr. Julio Dantas.

Conclusão

Sobre todos os pontos de vista, os reis são, pois, um anachronismo. São um atentado ás leis naturaes e sociaes.

A prophilaxia, a sciencia, condemna-os.

No entanto persistem em manter-se, quando tudo e todos contra elles conspiram.

Pretendem eliminal-os, matando-os e realisando assim um acto de guerra social.

Não é o processo, com quanto quem mata um soberano, deita por terra um idolo. E assim, como muito bem disse um illustre jornalista,— *Vaillant*, ameaçou o idolo do parlamentarismo; *Emilio Henry*, o idolo do sufragio universal; *Caserio*, o idolo do capitalismo, e *Lucheni*, o idolo da realesa.

N'esta ancia de libertar o povo, ha cincoenta annos para cá, contando revoluções e até conspirações palacianas, — como as de que foram victimas o sultão da Turquia *Abdal-Aziz* em 1876; o *general Flores*, presidente do Uruguay, em 1863; o *coronel Balta*, presidente do Peru, em 1872; o *Dr. Moreno*, presidente do Equador, em 1875; e o rei *Alexandre* e a rainha *Draga*, da Servia, em 1903, lembram-nos, dos não coroados d'exito, os seguintes: —

1852, o de *Morino* contra *Isabel II* de Hespanha; *1855*, o de *Pianori* contra *Napoleão III*; *1856*, o de *Agesilau Melano* contra *Fernando II* das Duas-Sicilias; *1858*, o de *Orsini* contra *Napoleão III*; *1867*, o de *Berezoysti* contra *Alexandre II* da Russia, em Paris; *1878* o de *Hoendel* e de *Nobilidg* contra o imperador *Guilherme I* da Allemanha; *1878* o de *Moncasi* contra *Affonso XII* da Hespanha; *1882*, o *imperador Francisco José da Austria; 1882* o de *Roderiz* contra a Rainha *Victoria* da Inglaterra;

1897, o do *Bispo de Mello* contra *Prudente de Moraes*, presidente do Brazil; *1898*, o de *Karditsi* e *Georgi* contra o rei *Jorge* da Grecia; *1900*, o de *Salsou* contra o *Shah Mozafer-ed-Pine* em Paris; *1905, o anarchista contra Affonso XIII* da Hespanha, e o do presidente *Loubet* na rua Rohan, em Paris; *1906*, contra o rei e a rainha de Hespanha, no dia do seu casamento, a 31 de Maio, em Madrid.

Entre os que fôram coroados d'exito apontaremos:

1854, assassinato de *Carlos III de Parma* por *Antonio Garra; 1860*, o do principe *Danilo de Montenegro*, por *Kadistsch*, um exilado; *1865*, o de *Lincoln* presidente dos Estados Unidos pelo actor *Booth*; *1868*, o do principe *Miguel da Servia*, pelos partidarios dos *Karageorgevth*; *1881*, o de *Alexandre II* da Russia, pelos *nihilistas*, *1881* o de *Garfield*, presidente dos Estados Unidos, por *Guiteau*; *1894*, o de *Carnot*, presidente da Republica Franceza, por *Ca-*

serio; *1896*, o do *Shah Nasred-Dine*, por *Mollah Rezah*; *1897*, o de *Barda*, presidente do Urugay, por *Arredondo*; *1898*, o da imperatriz *Isabel da Austria* por *Lucheni*; *1899*, o de *Ulysses Heureaux*, presidente da Republica Dominicana, por *Caceres*; *1900*, o do rei *Humberto da Italia*, por *Bresci*; *1901*, o de *Mac-Kinley*, presidente dos Estados Unidos, e no dia 1 de fevereiro de *1908*, o de *D. Carlos* e seu filho, o principe real *D. Luis Fillipe de Portugal*, por *Alfredo Luiz Costa* e *Manuel Buissa*.

Na historia portugueza o regicidio nunca tinha logrado vingar, a despeito dos attentados contra o *mestre de Aviz*, contra *D. João II*, *D. João III*, *D. José*, *D. João VI*, *D. Pedro IV* e *D. Miguel*. Isto apesar de ser coisa velha, pois que data o seu grande auge da época do imperio romano.

Cesar, *Claudio*, *Nero*, morreram de morte violenta á mão armada.

Roma foi a terra do veneno de *Locusta*, sucumbindo mais de quatorze

individuos, entre elles a imperatriz *Popêa*.

Já *Tito Livio* e *Tacito* fizeram o elogio de *Bruto*, matador de *Cesar*; *Cicero* fez o elogio de *Milão*, matador de *Clodio*; o *jesuita Mariana* e o pápa *Sixto Quinto* fizeram o elogio de *Jacques Clemente*, matador de *Henrique III*; o attentado de *Jean Chatel* contra *Henrique IV* inspirou a *Apologia de João Chatel*, escripta pelo padre *Francisco de Verona*.

O acto de *Alfredo Costa* e *Manuel Buissa*, a historia o julgará.

O regicidio, porém, como dissémos, não é a alavanca social. Um sopro de rebelião crusa actualmente sobre a velha Europa. Por toda a parte o mundo do trabalho se agita, procura despojar-se do jugo secular que o afoga e esmaga. Os conflictos multiplicam-se.

E n'esses conflictos, vê-se, que o Homem estuda, reflexiona, não retrocedendo já ante qualquer violencia.

Está feita a *Consciencia popular*.

A nós, cabe-nos guial-a pelo cami-

nho da acção, para que rompa as suas cadeias e edifique sobre os escombros do passado um mundo novo. Porque, de resto, a prophylaxia das degenerescencias reaes só poderá realisar-se integralmente com a solução da questão social.

E assim feito, os reis e os imperadores, terão que imitar aquelle principe, que entregou, sem pesar, a sua corôa, e partiu de braço dado com uma mulher do povo, para Patagonia, a semear trigo, signalando assim um novo caminho ao futuro.

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, RUA DA PRATA, 160 — LISBOA

O Agitador — Emocionante romance de amor, que é, ao mesmo tempo, a historia fiel da revolta de 31 de Janeiro, por Fortunato Correia Pinto. 1 vol. 600

O Atheismo — Por Felix le Dantec, traducção de Faustino da Fonseca. 1 vol. 600

Atravez das edades — Poemeto por Heliodoro Salgado, 1 vol. 200

Na brécha — Pamphletos (1893-1894), por João Chagas, 1 vol. com o retrato do auctor 700

Ao clero — A destruição do Inferno e a sua restauração, por Leão Tolstoi. Traducção de Mayer Garção, 1 vol 200

Crenças e revoltas, por Fernão Bôtto-Machado. 1 vol illustrado 500

Em volta d'uma vida — Memorias de Pedro Kropotkine. Prefacio de Jorge Brandés. Traductor Emilio Costa. 1 vol. 700

O ensino ethico-social das multidões — Pelo Dr. Faria e Vasconcellos, 1 vol. 100

A mentira religiosa — Por Max Nordau, traducção e biographia do auctor, por Affonso Gayo, 1 vol. 100

Mentiras religiosas — Por Heliodoro Salgado, prefacio de Fernão Botto Machado, 1 vol 300

As minhas razões — Recopilação de chronicas publicadas no «Primeiro de Janeiro», do Porto, por João Chagas, 1 vol. 700

A Nova Phase do Socialismo — Ensaio de propaganda e critica, por João de Menezes, 1 vol . . . 200

A Proxima Revolução por Leão Tolstoi. Traducção de V. da Fonseca. 1 vol 200

O que é a religião? — Por Leão Tolstoi. Traducção de Heliodoro Salgado, 1 vol. 400

A razão d'um padre — O bom senso do cura Meslier, traducção de M., com uma noticia de França Borges, 1 vol. 500

Sciencia e religião — Por Malvert, trad. da 3.ª edição franceza, por Heliodoro Salgado, 1 vol. ill. [illegible]

O seculo e o clero — Por João Bonança, 1 vol. . . . . [illegible]